

## UMA LEITURA DOS POEMAS INÉDITOS DE VERGÍLIO FERREIRA <sup>(1)</sup>

1. Os poemas de Vergílio Ferreira <sup>(2)</sup> organizam-se em torno de uma Ausência que remete para um Paraíso Perdido, além do Tempo e do Espaço, e de uma Queda, decorrente dessa Ausência. É, com efeito, a Ausência de uma Pessoa Fundamental, Verdade ou Caminho onde o Encontro fosse possível, que provocou a Queda actual no poço de águas mortas e lodosas, onde o Presente é vivido.

Porque, cortada por essa Ausência a possibilidade do Encontro, a solidão generaliza-se a qualquer contacto e matiza-se mesmo de protesto, como veremos. Além disso, o Encontro é ainda impossível porque a Geometria não acontece e a vida é um deserto ou uma estrada única e inútil, resultante da indistincção de todos os caminhos, os da vida e os da morte: «Na jornada agoirenta/com uivos de vento e chicotes de chuva/sinto o corpo a mirrar-se/e a alma a secar-se./E o mundo redemoinha tão perto de mim/com os riscos do princípio e as angústias do fim.../Não se separam as ruas./Larga como o deserto,/negra como a gargalhada no silêncio do terror,/a rua é uma só: — a mais pequena, a maior» (*Caminhos Cruzados*).

---

<sup>(1)</sup> Comunicação apresentada ao Colóquio/Homenagem a Vergílio Ferreira que, organizado pela Inova, decorreu no Porto de 28 de Maio a 4 de Junho de 1977.

<sup>(2)</sup> Os poemas aqui estudados pertencem todos a uma fase de juventude (anos '30 e '40). Posteriormente, Vergílio Ferreira pôs de parte a expressão em verso e só muito recentemente a voltou a cultivar, embora marginalmente, em composições incluídas no Diário (inédito). Os poemas estudados formam assim um bloco bem delimitado, cuja qualidade estética é pequena mas cujo interesse temático é muito grande.

Assim, os elementos da Vida se vêem afastados uns dos outros por uma Distância que resulta do desconhecimento, porque o conhecimento suporta o Encontro que, como vimos, é impossível dada a Ausência Fundamental.

A Terra surge então como um lugar vazio e árido, com que o Poeta, de resto, se identifica porque quer ele quer a Terra nos aparecem como os dois lugares da Ausência: «daquele morro de pedra/nasceu a casa de pedra/assim um morro também.../O homem ficou de pedra/a mulher ficou de pedra...» (*Vidas Secas*).

Os «outros», os que têm Vida e a Felicidade, habitam uma terra Outra, longínqua, a uma distância intransponível: «Os outros são uns seres/que andam sempre/muito longe de mim (...) Se eu fosse feito dos outros (...)/teria em mim a desejada vida» (*Cantochão*).

Por tudo isto, a Terra é um deserto, tema que aparece disseminado por vários poemas e a que é dedicado o poema «Cântico do Deserto», de que transcrevo uma parte:

(óóóóóÔÔÔóó...)

O canto reboa triste na amplidão do céu azul  
e a areia escalda nos pés...

(a voz que soa no longe  
é branda como a palmeira  
é branda como a palmeira...)

O canto do delírio encheu as bocas de terra  
e mirrou os peitos em febre...

(óóóÔÔóóó...)

E os olhos estalaram na luz de aço escaldante.  
Longe...

Longe, sempre distante  
essa repousada sombra  
lenta e macia...

— Não chores tu que ficaste bebendo o sangue vertido  
em fonte boa de oásis apetecido...

(...voz calma, triste e alongada  
para além da areia e do céu...)



2. Assim, sendo a Terra um lugar de Ausência, a Presença é procurada além dela, algures num lugar cósmico para além do céu visível. A Presença passa a ser simbolizada por uma Estrela velada por névoa intransponível e aparece *em cima*, num lugar não identificável com o céu porque está para além dele e de todo o mundo visível. A Presença é fundamentalmente a Presença da Mulher e a identificação de si a si próprio («Achar-te é sempre achar-me» — *O Jogo das Escondidas*). Por isso, a Estrela aparece uma vez também simbolizando-o a si próprio.

Deste modo se estabelece um universo com dois níveis (Ausência — no mundo aparente e, mais marcadamente, no mundo *de baixo*, que o Poeta habita; Presença — num mundo para além desse e situado *em cima*) separados por um espaço vazio que é preciso percorrer, percurso esse que a *ave* imita.

3. Mas esse espaço é por um lado um novo deserto e por outro é o espaço onde o Caminho Fundamental precisa de ser encontrado. Só que a Estrela do Encontro é uma estrela velada e não pode por si indicar o caminho, que o Poeta por sua vez desconhece. E o Pai, que no poema «O Filho Pródigo» aparece como aquele que sabe o caminho, não lho indica. Por isso, no mesmo poema afirma: «o meu regresso não deixo festejar,/nem quero que me vão matar vitelos,/nem que me vistam fatos dos mais belos,/enquanto o Pai me não disser: «meu filho,/eis o teu trilho!»

Resta-lhe percorrer esse espaço com um abraço lançado do mundo de baixo — «ando de mãos vagas pelo ar,/tropeçando nas coisas que procuro» (*O Filho Pródigo*) — enquanto a actual ordem do mundo, em que o Caminho lhe não é mostrado, durar. Depois de essa ordem ter sido anulada o Poeta afirma: «Poderei agora erguer os braços e tecer outros sonhos/lançar flores a outros céus/e pôr as estrelas no chão» (*Renovação*). Abraço esse que poderá ser correspondido: «Logo de criança tinham rezado as fadas/que tu serias bela e feliz entre as mulheres/e que os teus braços delgados envolveriam o mundo/com as estrelas e os sóis» (*Vitória*). Abraço esse de cima que, se muitas vezes personalizado num *tu* feminino, aparece também realizado simplesmente pelos elementos geo-

gráficos de cima (o Sol, o Azul, o Luar, etc.) em muitos outros poemas.

4. Só que o abraço não anula a distância, promovendo o Encontro. O abraço é mais uma Liturgia de Presença do que a anulação do espaço entre a Ausência e a Presença, porque o caminho fica por percorrer. Donde que qualquer Presença deva ser anulada pelo VÉU distanciador, véu especialmente significado pelo nevoeiro, a névoa, a própria noite: «Hoje (...) Queria um dia triste/com núvens pardas embrulhando a terra/porque ela vem.../Seu rosto pálido morrerá/num véu negro e profundo./(...) Mas a chuva não cai.../Por isso ela tem medo de mostrar-me o rosto magro/e o véu negro/e os olhos magoados/e de tocar-me o ombro e dizer-me:— Aqui estou!» (*Piedade*).

O véu conota-se ainda de luto e de início [«Lá longe, além, na fita do horizonte/há mil olhos pregados./Sedentos os deitaram para lá/que a fonte há-de brotar.../e os véus de luto se hão-de então rasgar!» (*Outras Páginas da Vida*); «Minha menina linda/de olhos brandos; da côr branda do céu.../Minha menina inocente/que esperas que eu te diga a tal palavra para te erguer o véu...» (*Poema da Esperança-Posse*)], que na obra de Vergílio Ferreira andam habitualmente associados: o início só é possível depois de tudo ter morrido. Como diz em *Nítido Nulo*, hoje, a tarefa dos homens é mais difícil que a de Deus quando criou o mundo do nada, porque hoje os homens têm que criar primeiro o nada para depois poderem recriar desse nada.

O véu (as formas velares em geral) fecham-se sobre uma Presença que se ausentou do mundo aparente e sobre o reinício que o seu desvelamento significará.

5. Mas o Senhor do Véu é o Vento. É ele que tem o poder de o conservar fechado ou de o abrir: «Um sopro de vento/abriu as cortinas/(espessas, opacas)/do meu pensamento/(...)/Um sopro de vento/fechou as cortinas/do meu pensamento» (*O Poema Negro da Esperança*). Ele é por isso o guardião do caminho que o Pai não indica, e o guardião de um Santo dos Santos cósmico, sacrário da Presença Fundamental. Assim, o Vento, O Véu e o Pai mantêm-lhe a necessi-



dade eterna da Viagem porque lhe mantêm o Véu, deixando-lhe apenas entrever a Presença que velarizam.

6. Donde que o Encontro seja sempre adiado e a Distância permaneça. Talvez que o Encontro apenas seja possível depois da morte. Por isso, o voo da ave, que simbolicamente liga o *mundo de cima* e o *mundo de baixo*, é também o voo do Poeta ao encontro do mundo de cima, depois da morte. A morte aparece assim como a possibilidade de anular o véu, tal como a agressão, que por vezes deseja, sobre elementos do mundo aparente, na esperança de por detrás encontrar a Presença: «Meus dedos longos se ergueram/meus dedos longos/teus dedos longos/e devassaram as núvens esparsas de côr frágil e subtil/ /e esmagaram as rosas do meu jardim/do teu jardim/em busca do perfume doutras rosas/que nelas não cabia...» (*A Minha Vida não Morre nem a Tua*).

Morte que nos aparece no duplo aspecto activo e passivo de matar e morrer, sendo o morrer muito mais constante e de eficácia mais valorizada que o matar. Morrer equivale a voar ao encontro da Presença Fundamental, rasgado o véu do tempo pela própria morte. Encontro certo e irreversível.

Por isso, o Poeta enquanto vive se cria uma vida em morte, numa Liturgia do Encontro.

Identificando-se com a Terra, da qual nunca se alçou, como afirma, foi percorrendo uma Queda até passar a ser um poço de águas paradas e lodosas, sem ligação com qualquer curso de água terrestre *para que* só a chuva, manifestação do mundo de cima, o possa alimentar. Queda espiritual e descida física das alturas do monte agreste onde no início era uma nascente cristalina.

A separação da frescura verdejante da vida aconteceu desde o início, desde os tempos em que era *monte* e via ao longe o vale verdejante: «Lá baixo, lá muito ao fundo/o vale tenro de mimos/rasgado todos os anos/reverdece em cada ano e dá flores» (*Vidas Secas*). Porque a Ausência é radical e remonta a um tempo anterior a todos os tempos.

Mas essa vida verdejante, imagem no *mundo de baixo* da Presença que se transferiu para o *mundo de cima*, foi ficando cada vez mais longe à medida que o Poeta percorria as etapas da Queda. O Poeta foi-se fechando numa relação

cada vez mais directa com o *mundo de cima*, desligando-se da vida aparente e aproximando-se, por esse mesmo facto, da Presença que esse *mundo de cima* contém, uma vez que essa Presença só poderá ser atingida pela Morte des-veladora. Na sua função desveladora, a Morte aparece portanto com uma função idêntica à do Vento. Donde que ela seja habitualmente esperada numa noite de vento.

Assim, o Poeta passa a viver neutralizando todas as formas de vida. Ao movimento em que ela se processa, opõe-lhe a estagnação do seu poço lodoso. Porque ela é sentida como movimento e o Poeta teme que, inserindo-se nesse movimento, perca as suas realidades interiores, de tão dolorosa conquista. O mundo dos outros é assim o mundo do movimento e da liberdade, enquanto que o do Poeta é o da estagnação e da escravidão à terra donde se não alçou, terra essa sua que se foi *coalhando* até se transformar numa pedra.

Porque a terra que ele é e em que vive é aquela onde a lava descendo do vulcão encontra o frio do deserto e coalha (o deserto é frio pelo seu vazio). A terra que ele é e em que vive é aquela em que toda a Positividade encontra um Negatividade no seu curso que a faz coalhar numa imobilidade — prefiguração da morte e, portanto, como vimos, Liturgia do Encontro.

Essa neutralização, a um nível personalizado, manifesta-se no Cego, que nos Poemas nos aparece como sendo aquele que *vê que não vê* porque sabe que a Presença está num para além invisível. O Cego é uma figura simbólica muito importante, que aparece ao longo de toda a obra de Vergílio Ferreira, e cujo olhar é por vezes qualificado de «coalhado» — o «olhar coalhado de um cego» — porque o seu ardor encontra o frio de um mundo deserto, onde a Presença não está e portanto não pode ser vista.

De igual modo, a Estátua é um dos elementos simbólicos que falam da Liturgia do Encontro, construindo-se tal como o Cego numa Presença de Morte. No poema «Cântico da minha desesperança» diz: «Trespasa-me a luz de desejar-me morto (...) ou estátua onde a pedra é já irremediável». Não deixa de ter interesse notar que o «desejar-me morto» é introduzido por «trespasa-me a luz», significando assim a morte



como encontro com a luz, um dos elementos do *mundo de cima* que fala da Presença.

A oposição Positividade/Negatividade, de que acima falei, ao nível humano «social» aparece representada pelo Poeta e pelos Outros. Os Outros são os que têm a Vida, a Presença por reflexo da Presença Fundamental de *cima* — e estão evidentemente longe, a uma distância intransponível. Talvez que o Filho, o filho que terá um dia, seja capaz de percorrer essa distância, entrando no mundo dos outros — e o Poeta com ele — como espera no longo poema «Educação».

7. Vimos que o nível da Ausência, em baixo, e o nível da Presença, em cima, estavam separados por um espaço intransponível, dado que o Pai não indicava o Caminho até à Estrela/Presença, que assim permanecia velada. Vimos ainda que a ave prefigurava o preenchimento/anulação desse espaço, ao ponto de a viagem final para o Encontro ser significada por um voo — o voo da Morte. Vimos ainda que a chuva era o que poderemos chamar uma manifestação do *abraço de cima*, uma vez que alimentava de vida o Poeta enquanto poço lodoso e isolado das fontes terrestres, abraço de cima que por vezes se liga mesmo ao abraço de uma Presença feminina, como vimos nos versos que atrás transcreve, abraço esse que de cima responde ao desejo de encontro que o Poeta de baixo lança igualmente sob a forma de abraço.

Mas há uma manifestação do Encontro que aparece privilegiada em relação a todas as outras — e que é o Canto. O Canto, com efeito, prefigura em si o encontro do *eu* que fala de baixo e do *tu* que escuta e por vezes responde de cima, porque é simultaneamente a voz da terra, que ele ainda é porque dela nunca se alçou, e da Presença que em cima está velada pela Nuvem/Névoa.

Vejamos o poema «Momento Lírico»:

Canta,  
virgem de carne fresca e moça,  
como a relva dos prados,  
onde os novilhos brincam...  
Virgem,  
canta!

nesta angustiosa tarde  
 que estendeu o dia não se sabe como  
 e levou os olhos destes homens fortes  
 e o fumo branco  
 dos casais dispersos...  
 Canta!  
 e faz rolar das rochas  
 as canções vibrantes de ribeiros novos...  
 Canta!  
 e baloia, manso, árvores de ferro...  
 Canta, menina pura,  
 de carne branca e linda!  
 E renova tudo...  
 E envolve tudo na onda de sonho  
 dum sonho brando e novo  
 que eu não sei dizer...

Consideremos ainda as seguintes passagens do poema «Paisagem»: «Ficou a balada longínqua/enchendo o ar/daquele vale fundo/(...)/Será agora que o afago débil da terra/tocará nas chagas do cansaço/que andam no ventre das mães./Será agora/que a boca se calará/e os olhos andarão pelo azul/ /à procura do céu». E consideremos ainda do poema «Devoção» os seguintes versos: «Dá-me aquele abraço terno/que o meu amor suave espera/e cobre-me o teu afago/que tem a música distante do mago palor do luar».

Vemos portanto que o canto/música que aparece no poema «Momento Lírico» como uma manifestação da mulher/terra inicial é simultaneamente um afago da Terra (*mundo de baixo* que ele é) e um afago do luar, elemento do *mundo de cima*, onde a Presença Fundamental se esconde e que a significa, como vimos. No poema «Cântico do Deserto» o canto aparece como «voz calma, triste e alongada/para além da areia e do céu» o que significa que o canto partido de baixo conseguiu rasgar o véu do céu como forma aparente do mundo de cima e penetrar até à Presença. No poema «Melodia» o canto/música é mesmo uma manifestação do mundo de cima, manifestando-se como «núvem esparsa» e «névoa» duas formas velares que escondem e manifestam a Presença, e aparece ligado à ave, prefiguração da distância abolida: «Ondas lentas



núvem esparsa/vem de longe e morre fina como a névoa./  
/Sombra que foge/e volta de manso.../bafo que dorme/  
/e sonha.../E sonha como a ave que fenece/devagar».

O Canto/Música está, além disso, presente em toda a restante obra de Vergílio Ferreira com o mesmo significado evidente. Tal como de resto os restantes elementos de que tenho vindo a falar, embora por vezes de forma não tão evidente.

8. Assim, e sintetizando, os Poemas de Vergílio Ferreira, tal como no geral toda a sua obra, opõem dois mundos ou dois níveis de um mesmo mundo: o *de baixo*, conotado de Ausência, e o *de cima*, conotado de Presença. Entre eles existe uma distância intransponível que talvez apenas a morte possa abolir. Os «Outros», aqueles que embora no mundo de baixo têm a Vida por reflexo da Presença de cima estão longe e igualmente separados do Poeta por uma distância intransponível.

Esse mundo da Presença é pressentido em baixo como uma dimensão diferente que em circunstâncias diversas talvez fosse possível construir mesmo antes da morte, mas que nas actuais não o é. Chamei uma vez, a propósito de *Vagão J*, a essa dimensão *a estrutura de espanto* porque ela era aí sentida como podendo preencher de forma organizada e mesmo socialmente estruturada a dimensão a que os momentos de espanto davam um breve acesso de intuição.

Nos poemas, essa dimensão é procurada numa relação com os elementos cósmicos (o que não deixará nunca de acontecer ao longo de toda a obra de Vergílio Ferreira) perdida a possibilidade de a relação se efectuar com elementos humanos uma vez perdida a Presença Fundamental — que é muitas vezes expressamente identificada com a Presença da Mãe — num tempo mítico anterior e relegados os «outros» para uma distância intransponível como vingança/ /protesto por o irmão ter sido um dos fautores da Ausência da Mãe («Teus braços nós me envolveram/e tua boca de rosas/ /teceu/o mundo que minha mãe me roubou/quando nasceu o meu irmão mais novo» — s/ título) Irmão que é a personificação «vertical» do mundo humano circundante.

9. A impossibilidade de o Encontro, que por vezes se esboça, como atrás referi, se tornar uma relação permanente é significada, embora de passagem, por um signo que se irá tornar importante em toda a obra de Vergílio Ferreira, porque une o Amor e a Morte e a virgem entre dois Portos, perdido o Paraíso Inicial: Dido, a Mulher que guardou no peito a espada que lhe sobrara de ter amado um Viajante — «Do ELE, que ele era, não lhe deixou nada./Ficara a espada.../e guardou-a no peito... (*Dido*).

HELDER GODINHO